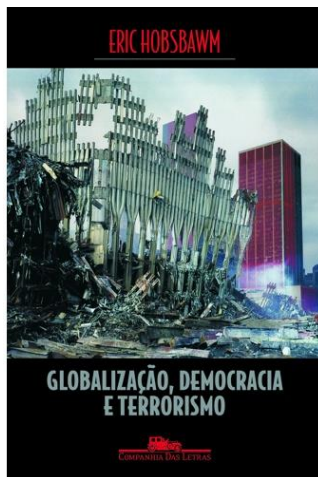




RESENHA DO LIVRO “GLOBALIZAÇÃO, DEMOCRACIA E TERRORISMO” DE ERIC HOBSBAWN



Livro: Globalização, Democracia e Terrorismo

Autor: Eric Hobsbawm

Editora: Companhia das Letras, 2007.

Newton Camargo da Silva Cruz¹

A história da humanidade foi marcada por intensos embates, conflitos e guerras de diversas proporções. Mais recentemente entra no radar dos debates e das análises de conjuntura o terrorismo, ato que assola diversas nações há algum tempo, mas que ganhou amplas projeções após o fatídico 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos da América. Tais situações foram e, em certa medida, ainda são, motivadas por questões de naturezas distintas, como fatores de ordem econômica, tecnológica, política, cultural, religiosa, estrutural e social. Não desconexo disso, os processos democráticos ganharam papel relevante em diversos âmbitos da sociedade. Nunca antes em nossa história falou-se e defendeu-se tanto a prática da democracia como nas últimas décadas, sobretudo quando relacionada às questões

¹ Analista e Desenvolvedor de Sistemas (UniCesumar). Especialista em Administração Pública (UniCesumar). Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: newton.cruz@unila.edu.br



dos períodos acima mencionados, citando, inclusive, exemplos de conflagrações latino-americanas ocorridas no México (1911) e na Colômbia (1948), demonstrando que confrontos não ocorreram apenas na Europa, mas na América Latina também, ainda que não tenhamos percebido militares cruzando nossos territórios (HOBBSAWM, 2007, p. 23). Contudo, o autor destaca em sua obra que o número de guerras internacionais decresceu a partir da década de 1960, dando lugar a conflitos internos. Chama atenção, conforme já brevemente mencionado, que as principais vítimas de tais conflitos e guerras da segunda guerra mundial em diante são civis e não militares e, segundo o autor, a tendência é que assim continue e, para além disso, enfatizam-se ainda os danos socioeconômicos aos civis provenientes de tais conflitos internos. O autor ainda critica severamente a errônea e, de certa maneira, oportunista, utilização do termo "guerra" nos mais diversos âmbitos políticos recentes. É comum ouvirmos expressões como "guerra contra a máfia", "guerra contra as drogas", "guerra contra a corrupção", sendo que tais exteriorizações são utilizadas como propósito para utilização das forças armadas. Encaminhando-se para o fim do primeiro ensaio, Hobsbawm destaca que a ampliação de desigualdades em âmbitos sociais e econômicos, podem reduzir de forma drástica as possibilidades de paz, além de que o equilíbrio entre guerra e paz no momento atual da humanidade "dependerá muito mais da estabilidade interna dos países e da capacidade de evitar os conflitos militares do que da construção de mecanismos mais eficazes para a negociação e a solução de controvérsias" (HOBBSAWM, 2007, p. 34) evidenciando que, mais do que qualquer outro período já vivenciado, os países deverão conter e resolver os seus próprios problemas, sem "terceirizá-los" ou externalizá-los, fundamentalmente quando se trata do enfrentamento das desigualdades sociais, uma das mazelas da sociedade.

No segundo ensaio, o autor realiza reflexões que nos levam a compreender a segunda metade do século XX em diante como uma nova fase histórica. Em sua concepção, tal fase se deve, essencialmente, às transformações tecnológicas, produtivas e das comunicações, modificando o tempo e a distância da forma como os concebemos. Hobsbawm enfatiza ainda o declínio do campesinato como um aspecto relevante para entendermos o futuro da nação, apresentando em sua análise dados minuciosos que demonstram o alto grau do êxodo rural ao longo das últimas décadas, concluindo que em pouco tempo a humanidade deixará "de ser uma espécie essencialmente rural" (HOBBSAWM, 2007, p. 38). Tal afirmação é pertinente e coerente, inclusive no contexto globalizado que nos encontramos no século XXI, com a tendência de procurarmos cada vez mais as cidades na busca de melhores condições de vida (sob as mais diversas óticas) e também em prol do atendimento de nossas necessidades capitalistas, ou ao menos influenciado por elas. Entretanto, essa nova fase histórica também perpassa por modificações estruturais e democráticas, como transformações na educação e na emancipação da mulher. A respeito deste último, uma ótima ilustração é o movimento feminista, que teve sua gênese no século XIX com intenso crescimento na metade do século XX em diante. Além disso, tais modificações também estão relacionadas ao *modus operandi* dos governos. Em uma parte considerável destes, buscou-se, a partir do século passado, demonstrar legitimidade e estreitar os vínculos com a nação, com o povo, com o eleitor. Anteriormente, aquilo que era definido unilateralmente, ou até mesmo de forma autoritária,





guerras e violência, contraditoriamente as próprias guerras que os desmancharam e a paz como o estado que permite o império sobreviver, não sendo esta, portanto, de criação destes impérios. Nesse cenário, o autor procede com um levantamento histórico das semelhanças e diferenças entre os impérios britânico e americano, considerados como "impérios genuinamente globais" (HOBSBAWM, 2007, p. 61). Tratando-se das diferenças, o autor não apenas refere-se ao tamanho físico e extensão geográfica de seus territórios, suas fronteiras e efeitos culturais, mas também à constituição de suas populações. Interessante e pertinente o foco dado pelo autor ao mencionar a constituição populacional dos Estados Unidos da América que é essencialmente composta de imigrantes, diferentemente da Grã-Bretanha. Ao longo do ensaio, Hobsbawm comenta detalhes históricos minuciosos da formação dos impérios, suas colônias, características regionais e estruturais, entre outros.

No quarto ensaio da obra que, inclusive, é fruto de uma conferência proferida em uma universidade que concedeu o título de doutor *honoris causa* a Eric Hobsbawm, realiza-se, de forma breve, porém intensa, uma reflexão sobre o fim dos impérios, comentando sobre as desintegrações sofridas ao longo da história, ocorridas principalmente devido a guerras e revoluções (cabe destacar o fim do império da Alemanha pós segunda guerra mundial e alguns outros), que vieram acompanhadas de tensões políticas e até mesmo psicológicas, além de que, desde 1913, o número de países independentes quadruplicou com a ruína dos impérios. Hobsbawm salienta temas e argumentos relacionados à memória e pergunta, aos ouvintes e leitores, de que forma os impérios devem ser lembrados? A partir desta questão (que também pode ser considerada uma provocação), o autor disserta com riqueza de detalhes sobre as marcas deixadas por alguns dos impérios mais significativos da história da humanidade, os relacionamentos complexos destes com seus subordinados, enfatizando que a memória quase sempre é relacionada com a criação de um novo país. Por fim, sabiamente o autor não vê qualquer perspectiva de um mundo imperial no século XXI o que evidentemente nos leva a pensar em outras formas de gerir e organizar nossas nações. O ensaio termina com uma afirmação mais do que óbvia: "a era dos impérios está morta" (HOBSBAWM, 2007, p. 85).

No quinto ensaio da obra, Hobsbawm disserta sobre as nações e o nacionalismo e, para isso, inicia destacando alguns aspectos mais recentes da nossa história, como a instabilidade internacional que se instalou desde 1989 (e que até hoje perdura), a ampliação do número de Estados soberanos internacionalmente reconhecidos, o aumento na composição dos integrantes das nações unidas e o declínio do monopólio bélico e das forças armadas. A instabilidade discutida pelo autor é ilustrada por este ao citar o genocídio em Ruanda, em 1994, ocasião em que milhares de pessoas foram assassinadas, além das expulsões em massa ocorridas. Mais uma vez Hobsbawm retoma a questão dos refugiados, entretanto, nesse momento em específico, cita o aceleração da globalização como ponto chave que afeta as nações e o nacionalismo nessa perspectiva da mobilidade humana, sobretudo nas migrações internacionais em massa. Cita como exemplo os Estados Unidos, Canadá e Austrália que receberam 22 milhões de imigrantes entre as décadas de 1974 e 1998. Cabe destacar que, mesmo com a globalização e a formação de vários Estados pela imigração em massa, impera





a hostilidade a esses grupos que são vistos como uma ameaça à identidade cultural coletiva. Houve ainda considerável avanço da xenofobia em diversos âmbitos internacionais. O autor ilustra muito bem essa dimensão citando o futebol como exemplo. Interessante, para não dizer extremamente pertinente ao tema, a ênfase dada pelo autor na formação dos clubes de futebol, que são formados, na maioria das vezes, por atletas de nacionalidades diferentes do time em que atuam. A questão que nos interessa de perto é o aumento exponencial do racismo e da xenofobia nos últimos tempos nos campos de futebol por parte dos torcedores, e Hobsbawm caracteriza muito bem isso:

"Eles ficam divididos entre o orgulho que sentem pelos superclubes e pelas seleções nacionais (o que inclui seus jogadores estrangeiros ou negros) e a crescente importância que competidores provenientes de povos há tanto tempo considerados inferiores alcançaram nos seus cenários nacionais. Os periódicos surtos racistas que acometem os estádios de países sem história anterior de racismo - Espanha, Holanda - e a associação do "hooliganismo" com a extrema direita política são expressões dessas tensões" (HOBSBAWM, 2007, p. 95).

Não é raro presenciarmos agressões e hostilidades iguais as citadas pelo autor, não apenas em estádios de futebol, mas em outros esportes e também em outros âmbitos da sociedade, não limitada somente à brasileira. É incabível, em pleno século XXI, em um mundo miscigenado e com tanta informação que ocorram crimes e barbáries dessa natureza.

No sexto capítulo, temos discussões aprofundadas acerca de um dos temas mais pertinentes do século XXI: a democracia. Hobsbawm trata a democracia como um atributo louvável para os Estados que dela participam e/ou exercem, sendo estes superiores àqueles que não realizam práticas democráticas em suas esferas. Esta ainda seria uma espécie de "modelo-padrão" para o Estado, composta de garantias, direitos, liberdades e, principalmente, representatividade. O autor apenas enfatiza o que é evidente para todos que partilham do nosso tempo. Nunca antes na história da humanidade falou-se e cobrou-se tanto, seja de quem ou âmbito fosse, a democracia, as escolhas e processos democráticos, transparentes e representativos. Hobsbawm contextualiza historicamente o funcionamento democrático em diversos países do mundo, suas características e seus entraves, demonstrando que nem tudo são flores: cita uma questão em particular a respeito da Colômbia, que ainda que tivesse uma gestão democrática durante quase toda a sua história, o número de assassinatos, mutilações e expulsões de cidadãos já ultrapassou a casa dos milhões nas últimas cinco décadas. Evidentemente que Hobsbawm se justifica afirmando que isso não significa que regimes democráticos sejam piores que os anti-democráticos, o que nos leva a compreender que cada regime tem suas peculiaridades, assim como seus dilemas e distorções. O autor trata a democracia como uma das heranças do século XX, advinda do igualitarismo dos povos e do entendimento que diversas situações e concepções passariam a não funcionar adequadamente sem o apoio da população e suas mobilizações. É pertinente a divisão feita pelo autor acerca das políticas democráticas, que são baseadas em duas principais premissas: a teórica (ou moral) e a prática. A premissa teórica se concentra na presunção de que a maior parte da



população aceite tal regime democrático. Do lado prático, entre outras características, o fato de que tais populações reconhecem sua autoridade governamental frente a gestão da lei da ordem. Ao mesmo tempo, ao mencionar que, nas últimas décadas a participação ativa dos cidadãos na política e o seu efetivo exercício da cidadania decaiu consideravelmente, Hobsbawm realiza uma crítica à legitimidade democrática, inclusive de uma autoridade eleita por uma baixa parcela da população. Chama atenção quando o autor destaca que o Estado soberano, parte essencial da política democrática, hoje está enfraquecido e, porque não dizer, em declínio. Sua efetividade encontra-se em níveis irrisórios, declinando expressivamente e constantemente, afetando, de forma expressiva, as perspectivas democráticas. Entretanto, já no fim deste ensaio, Hobsbawm afirma, com um espírito de tranquilidade, que não há regimes em um futuro próximo que ameacem os regimes democráticos ora em vigor. Resta-nos agora, como cidadãos conscientes da importância conduzida pela democracia, exercê-la, mas sobretudo defendê-la.

No sétimo (e breve) ensaio, o autor realiza uma reflexão crítica relevante acerca da disseminação da democracia e sua padronização mundial, algo como uma "globalização democrática". Comenta sobre uma nova reorganização do mundo "protagonizado pelos países poderosos" (HOBSBAWM, 2007, p. 116), ao mesmo tempo critica com afincado e até julga perigoso esse ato de disseminação, por entender que democracia não pode ser padronizada para todos os locais do planeta, inclusive porque as ações dos Estados também não são as mesmas em todos os pontos do globo, algo que é evidentemente coerente, pois cotidianamente vemos as mais diversas interfaces da democracia sendo exercidas de formas distintas, ainda que por vezes julgamos como duvidosa, em vários lugares.

No oitavo capítulo da obra, Hobsbawm continua com seus apontamentos e reflexões acerca de mais um dos grandes temas de sua obra: o terror. Introduce o tema contextualizando a violência em nosso mundo, relatando com detalhes o seu aumento nas últimas décadas. Destaca um exemplo em particular sobre o Sri Lanka, até então extremamente pacífico, com ótimas expectativas, mas que mudou de patamar a partir da revolta dos Tâmeis devido a inúmeras tensões, com organização armada e guerra civil desde 1980. A partir daí, grupos terroristas surgiram, provocando assassinatos sistemáticos, inclusive políticos, razão pela qual, na concepção do autor, a política passou a ser considerada atividade de risco, além de que o terror, naquela época, passou a ser usado como forma de controle sobre regiões, algo de certa forma não muito diferente do que acontece em nossos dias atuais em algumas partes do mundo. Esse é apenas um exemplo citado pelo autor que expressa o aumento da violência política na última parte do século XX, além de fazer parte do processo de barbarização após a primeira guerra mundial. Dentre tantos fatores geradores da violência apontados por Hobsbawm, um deles em particular desperta a atenção quando o autor afirma que as causas que se defendem são tão justas e do adversário são tão terríveis que quaisquer meios para vencer e derrotar o outro são válidos, inclusive utilizando a prática da violência. Trata-se, segundo o autor, de uma justificativa moral para o barbarismo.

De modo a ilustrar tais apontamentos, Hobsbawm cita alguns dos principais episódios de violência política desde a década de 1960, destacando conflitos de ordem étnica e religiosa.





Para além das questões supracitadas, o autor afirma que os assassinatos em massa em lugares públicos com ampla divulgação dos meios midiáticos, apoiando-se, evidentemente, nas tecnologias da informação e comunicação, têm mais valor do que qualquer outro ataque. Neste contexto, cabe fazer um paralelo com uma situação em particular que se apresenta em nosso tempo: a exposição midiática das barbáries cometidas pelo Estado Islâmico como estupros, assassinatos em massa de forma brutal, execuções, mutilações, entre outras atrocidades que, na maioria das vezes, eram (e ainda são) transmitidas pela Internet e compartilhadas em redes sociais, chocando e impactando o mundo com a crueldade imposta a diversas pessoas. Hobsbawm destaca o fenômeno da "guerra contra o terror" a partir do trágico e brutal 11 de setembro de 2001 que, a propósito, em nada diminuiu o poder internacional americano, conforme opinião do próprio autor. Que reflexos e reflexões podem ser percebidas a partir disso? Claramente, em concordância com o que expõe o autor, há uma crise de legitimidade, autoridade e hegemonia em todos os sistemas tradicionais da sociedade, sem contar que a violência (sendo ela política ou não) revela uma série de desequilíbrios sociais da sociedade, possivelmente devido às alterações internas e extremamente velozes vividas e registradas ao longo do tempo, conforme muito bem colocado pelo autor.

No penúltimo capítulo da obra, Hobsbawm, ao discutir questões que envolvem a ordem pública mundial, continua com suas ponderações acerca da violência que assola nossa sociedade. O autor busca levar aos seus leitores e ouvintes a compreensão de que esse aumento expressivo da violência é possibilitada, dentre tantos outros fatores que poderiam aqui ser descritos, pela "explosão da oferta e disponibilidade global de armas destrutivas poderosas que estão ao alcance de pessoas e grupos privados" (HOBBSAWM, 2007, p. 139). Estamos falando de um mercado altamente lucrativo, inclusive o autor cita o aumento exponencial (e assustador) de negócios bélicos no mundo. Destaca-se, nesse cenário, o significativo aumento no valor de ações da Taurus (grande fabricante de armas) que em 2019 dispararam após decretos brasileiros que ampliaram de forma expressiva os grupos que podem obter armas de fogo e munições. O que se pode esperar de uma nação fortemente armada e, principalmente, legalmente incentivada a adquirir armamento de fogo? Cada vez mais experimentaremos aumentos absurdos nos níveis de violência. Hobsbawm nunca esteve tão certo e coerente em sua análise.

Ao mesmo tempo, o autor conclui seu raciocínio afirmando que governos concordam que está mais difícil manter a ordem pública, destaca as tentativas de controle populacional mediante o emprego da força, produtos químicos, de atordoamento, dentre outros. Interessante o paralelo feito pelo autor quando este resgata Norbert Elias e seu livro *O processo civilizador*, citando que está acontecendo uma reversão de um processo daquilo que Elias considerou uma mudança no comportamento das pessoas a partir da Idade Média, se tornando mais atencioso, tranquilo, cordial e educado. Em nossos tempos, Hobsbawm destaca que não há mais a existência desses atributos. Mais uma vez: Hobsbawm nunca esteve tão certo. Há pouca propensão (talvez até vontade) em aceitar e cumprir leis, regras e convenções. Atualmente vemos xingamentos e agressões públicas à cidadãos e profissionais no exercício de suas atribuições. Não há tolerância, tampouco paciência, o ser humano não esconde seus





preconceitos, sua ira, seu desprezo, seu racismo e xenofobia. Estão dispostos a tudo para fortalecer seus ideais e "derrotar" seus inimigos a qualquer custo, mais uma vez vemos em pleno século XXI as justificativas morais para o barbarismo, como muito bem conceituado pelo autor da obra. Ao que parece, realmente está muito difícil manter a ordem pública. Ao citar o conflito civil de Brixton, o autor comenta que "a manutenção da ordem pública, seja em uma era de violência ou não, depende do equilíbrio entre a força, a confiança e a inteligência" (HOBSBAWM, 2007, p. 149). A questão justamente se concentra em onde encontrar (e qual é) esse equilíbrio? Qual seria a medida adequada dessa força comentada pelo autor? Essas são algumas das questões que precisam ser debatidas, refletidas e respondidas, com a certeza de que essa não será uma tarefa fácil.

No último ensaio da obra, Hobsbawm retoma pontualmente os grandes assuntos da sua obra. Comenta sobre o SARS que em questão de dias impactou o mundo, demonstrando o quanto estamos interligados, evidenciando o alto grau da globalização em que vivemos hoje. Discute o poder da tecnologia em diversos âmbitos da sociedade, principalmente nas tomadas de decisões, algo amplamente realizado hoje nas organizações privadas, públicas e do terceiro setor, mas também na economia e na força militar. Retoma ainda questões históricas do império britânico e americano. Comenta a vinculação da globalização com o império da Grã-Bretanha, condição esta que, justamente, o desenvolvimento britânico fez alcançar.

Por outro lado, o autor detalha algumas fraquezas relacionadas ao império americano, a economia americana, por exemplo, conforme autor, está decrescendo, entretanto, seu poder e triunfo militar permanecem. Neste contexto, recorda, inclusive, que a guerra do Iraque - ainda que motivada pelo petróleo - foi essencialmente planejada para mostrar o poder americano ao mundo, entende ainda que tais arranjos e ações americanas enfraquecem a manutenção da ordem. Hobsbawm se auto questiona como confrontar os Estados Unidos, pois acredita que o imperialismo americano é temporário, além de que os cidadãos americanos não estão interessados na dominação mundial. No fim deste último ensaio, na concepção do autor, vive-se uma crise econômica mundial desde o final da década de 1990, coloca em xeque o que os Estados Unidos fará (e quem o apoiará) seja em qual âmbito for, mas talvez, sobretudo, nesse âmbito econômico declinante supramencionado.

Por fim, Hobsbawm realiza uma proposição ousada: há a necessidade de conter e reeducar os Estados Unidos. Será mesmo possível? É pouco provável, ou talvez seja uma possibilidade muito remota, considerando o que remontamos da história e, principalmente, por ser tratar de uma enorme potência mundial, conforme bem apresentado no decorrer da obra.

O livro *Globalização, Democracia e Terrorismo* é uma excelente obra para entendermos diversas questões e recortes da humanidade relacionadas a esses três grandes temas abordados cuidadosamente por Eric Hobsbawm. O autor é extremamente preciso em suas análises e observações, além de provocar reflexões construtivas ao levar o leitor a uma grande viagem pela história dos impérios, do desenvolvimento econômico, do terror e da globalização, o que nos ajuda a conhecer, compreender e refletir criticamente sobre a atual conjuntura em que vivemos. Vale destacar, mais uma (e pela última) vez, o grau e riqueza de





REVISTA ORBIS LATINA
ISSN: 2237 6976



página 181

detalhes e exemplos dados em cada um dos ensaios realizados pelo autor, sendo esta obra altamente recomendada para aqueles interessados nas temáticas abordadas.

REFERÊNCIAS

HOBBSAWM, Eric. **Globalização, Democracia E Terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 182 p.

Recebido em 09/12/2020

Aceito em 02/02/2021



Volume 11, Número 01
Janeiro - Junho
2021



INDEXADORES E BASES BIBLIOGRÁFICAS:



Revista Orbis Latina - Disponível no website <https://revistas.unila.edu.br/index.php/orbis>